

PERSPECTIVAS TEÓRICAS DO MULTICULTURALISMO: REFLETINDO SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

ARAÚJO, Viviane P. C. – UFSCar – vpcolloca@hotmail.com

CRUZ, Eliana M. R. – UFSCar

MARIANO, André L. S. – UFSCar

ROCHA, Gisele A. – UFSCar

GT: Formação de Professores / n.08

Agência Financiadora: Sem Financiamento

O presente texto é parte de uma pesquisa que tem por objetivo discutir o multiculturalismo e suas relações com o ensino e a formação de professores. Aqui, o foco incide sobre a compreensão de como tal tema vem sendo entendido nos Trabalhos selecionados para as Reuniões Anuais da ANPED.

Para a elaboração deste trabalho, efetuamos um recorte temático e temporal (2001-2006), por encontrarmos pesquisas de estado do conhecimento até o ano de 2000 (Moreira, 2001a). O recorte temático decorreu da necessidade de delimitarmos nosso objeto de análise. Assim, escolhemos os GTs de Didática, Currículo e Formação de Professores por comporem uma sub-área temática da ANPED. Tendo em vista o foco do projeto mais amplo, partimos do pressuposto de que as questões que relacionam multiculturalismo ao ensino estariam sendo mais discutidas no GT de Didática, à formação de professores no GT homônimo e ao multiculturalismo, *stricto sensu*, estariam concentradas no GT de Currículo, em razão da forte ligação apontada pela literatura.

Contudo, embora abarque os três GTs, o foco central de interesse deste texto é a formação de professores. Convém, ainda, salientar que além dos próprios trabalhos dos referidos GTs com o tema do multiculturalismo, buscamos também os que se enquadrassem, explicitamente, nas discussões multiculturais ou que apresentassem categorias e/ou discussões com preocupações multiculturais.

Entendemos, ainda, que os trabalhos desta sub-área sinalizam importantes aspectos para que a formação de professores possa ser repensada, incorporando as discussões sobre as questões culturais, tanto no currículo formal, quanto no currículo em ação. Isto porque acreditamos, com Imbernón (2004), que a formação de professores não pode restringir-se aos aspectos cognitivos, pois é preciso preparar profissionais para atuarem no mundo de mudanças e incertezas.

Deste modo, tendo em vista a produção dessa sub-área e por meio de uma incursão preliminar nos dados, verificamos que o termo multiculturalismo, conforme

assinalado por Candau (2002) e Moreira (2001b), abarca variados posicionamentos teóricos e, muitas vezes, discursos teóricos híbridos.

Tendo em vista esse quadro teórico proveniente dos dados, apresentaremos, a seguir, qual é a acepção de multiculturalismo defendida no presente texto; depois, explicitaremos quais são as grandes tendências teóricas encontradas, finalizando com algumas considerações iniciais e provisórias para se pensar a formação de professores.

LOCALIZANDO NOSSA PERSPECTIVA TEÓRICA

Nosso olhar sobre o multiculturalismo referencia-se no multiculturalismo crítico, tal como definido por McLaren (2000). Partimos de uma compreensão pós-crítica de resistência, que enfatiza o papel da língua e da representação na construção de significado e identidade. Nesta abordagem os signos e as significações são essencialmente instáveis e em deslocamento, podendo ser temporariamente fixados dependendo de como estão articulados dentro de lutas discursivas e históricas particulares.

O multiculturalismo crítico compreende a representação de categorias como raça, classe social e gênero como o resultado de lutas mais amplas sobre signos e significações e, neste sentido, enfatiza não apenas o jogo textual e o deslocamento metafórico como forma de resistência, mas a tarefa central de transformar as relações sociais, culturais e institucionais nas quais os significados são gerados.

Nesta perspectiva, as diferenças são encaradas como um conceito-chave e devem ser compreendidas por meio de uma política de significação, isto é, de práticas de significação que são tanto reflexivas quanto constitutivas de relações políticas e econômicas prevaletentes. “Diferença é sempre um produto da história, cultura, poder e ideologia” (MCLAREN, 2000, p. 123).

Assim, o autor destaca as contribuições desta perspectiva para a elaboração de um currículo crítico:

[...] um currículo multiculturalista crítico pode ajudar as educadoras a explorarem as maneiras pelas quais alunas e alunos são diferencialmente sujeitados às inscrições ideológicas e aos discursos de desejo multiplamente organizados, por meio de uma política de significação. (MCLAREN, 2000, p. 131)

O autor também destaca a necessidade de os/as educadores/as assumirem as diferenças de forma a criarem uma política de construção de alianças, de solidariedade que se desenvolva a partir de imperativos da libertação, democracia e cidadania crítica. Por isso, não basta tolerar as diferenças, é preciso criar pontos de interação e dialogar com o outro, oportunizar aos estudantes inventar formações do *eu* diferentes ao desmontarem e interrogarem as diferentes formas de segmentação discursiva que informam suas subjetividades. Assim, o diálogo deve ser encarado como uma forma de as pessoas verem tanto a si mesmas como aos outros como sujeitos e não como objetos.

ALGUNS DADOS INICIAIS

Ao buscar os trabalhos apresentados nos GTs de Didática, Currículo e Formação de Professores entre os anos de 2001 e 2006, observamos a forte presença das questões multiculturais concentradas no GT de Currículo, corroborando o que aponta a literatura, como pode ser notado nos números: dos 85 trabalhos selecionados, 19 (22,4% do total). Nos outros dois GTs a presença de tais questões ainda é tímida: no GT de Didática, dos 75 trabalhos, apenas 3 (4%) e no GT de Formação de Professores, dos 142 somente 5 (3,5%).

Além destes dados de ordem numérica, verificamos, também, a presença de diversas correntes teóricas na abordagem das questões multiculturais, indo desde uma perspectiva pós-crítica até uma perspectiva pós-estruturalista. Tal fato legitima as afirmações de autores como Candau (2002) e Moreira (2001a), que destacam a necessidade de se atentar para a polissemia de discursos sobre o termo multiculturalismo.

Estas várias abordagens teóricas sinalizam, a nosso ver, uma diversidade de formas de interpretar as relações da escola com o conhecimento, ao invés de “camisas de força” que rotulem discursos, pouco contribuindo para o avanço do conhecimento científico. Desta forma, com o objetivo de entender como os trabalhos selecionados compreendem as questões multiculturais no mundo atual, traçamos um pequeno esboço de como se caracterizam essas **grandes tendências**.

Tendo como referência o trabalho de Silva (2003) sobre as teorias de currículo, encontramos uma primeira: a abordagem pós-crítica, de base neo-marxista, que enfatiza os processos institucionais, econômicos e estruturais que estariam na base da produção dos processos de discriminação e desigualdade, baseados na diferença e na identidade

cultural. Tal perspectiva é a mesma defendida pelo presente trabalho, como fora anteriormente mencionado.

A segunda tendência verificada nos trabalhos é denominada pós-colonialista. De acordo com o autor:

Numa concepção mais restrita, a teoria pós-colonial deveria estar focalizada precisamente nas manifestações literárias e artísticas dos próprios povos subjugados, vistas como expressão de sua experiência da opressão colonial e pós-colonial [...] é um importante elemento no questionamento e na crítica dos currículos centrados no chamado 'cânon ocidental' das 'grandes' obras literárias e artísticas (SILVA, 2003, p. 126).

Encontramos, ainda, uma perspectiva de cunho pós-estruturalista. Em linhas gerais, ela centra-se no processo lingüístico e discursivo da diferença, entendida como produção discursiva e relacional.

O pós-estruturalismo também continua e, ao mesmo tempo, radicaliza a crítica do sujeito do humanismo e da filosofia da consciência feita pelo estruturalismo [...] esse sujeito não passa de uma invenção cultural, social e histórica, não possuindo nenhuma propriedade essencial ou originária (SILVA, 2003, p. 120).

A vertente pós-moderna, também encontrada nos trabalhos, caracteriza-se como um conjunto variado de perspectivas, abrangendo uma diversidade de campos intelectuais, políticos, estéticos e epistemológicos. Toma como referência uma posição ou transição entre modernidade/Iluminismo e a Pós-Modernidade. Questiona: os princípios e pressupostos do pensamento social e político estabelecidos e desenvolvidos a partir do Iluminismo e, ainda, as idéias de razão, ciência, racionalidade e progresso. É contra as grandes narrativas, sendo antifundacional.

Não obstante encontrarmos essas grandes tendências, é possível notar a existência de trabalhos que adotam um discurso híbrido. Em outras palavras, coadunam-se, em um mesmo trabalho, argumentos e pressupostos de vertentes pós-crítica, pós-colonialista e pós-estruturalista.

PARA FINALIZAR... REFLETINDO SOBRE A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Nossa primeira incursão nos dados parte do pressuposto de que toda classificação é precária e passível de discussões e discordâncias.

Além disso, a leitura dos trabalhos selecionados deixou-nos algumas reflexões. A presença concentrada de trabalhos sobre o multiculturalismo no GT de Currículo e sua tímida presença nos GTs de Didática e de Formação de Professores nos instiga a pensar: sendo o multiculturalismo uma condição inescapável do mundo atual, como pode tal discussão não merecer um maior destaque nas produções sobre ensino e formação de professores? Pois, como ressalta Moreira (2001b, p. 85):

Em síntese, queiramos ou não, vivemos em um mundo inescapavelmente multicultural.

É essa a perspectiva de Kincheloe e Steinberg, para quem a multiculturalidade não se reduz a algo em que se acredite ou com o qual se concorde. Ela de fato existe, está entre nós e representa, neste fim de século, uma condição de vida nas sociedades ocidentais contemporâneas. Podemos ignorar ou abordar essa realidade de diferentes modos, mas não podemos apagá-las: ela permanece, independentemente de nossas respostas e de nossas relações. Desse modo, mesmo que as reflexões sobre o currículo e sobre formação de professores desconsiderem a multiculturalidade, ela estará presente nos sistemas escolares, nas escolas, nas salas de aula, nas experiências da comunidade escolar, afetando inevitavelmente as ações e as interações de seus diferentes sujeitos.

E como incorporar tais questões na formação de professores? Uma possibilidade seria a inserção de tais questões na produção / discussões do GT de Formação de Professores da ANPEd. Outra seria uma maior visibilidade na integração entre a produção dos três GTs que compõem a subárea temática. A partir daí, a discussão conjunta entre pesquisadores, escolas e comunidades poderia ajudar a pensar caminhos para a incorporação das questões multiculturais nos cursos de formação de professores, visando a uma educação mais democrática, mais igualitária, porém não homogeneizante.

Enfim, nossa pesquisa está apenas começando. Muito ainda há para ser realizado, razão pela qual finalizamos este texto conscientes de que as observações aqui expressas são apenas uma aproximação inicial a partir de alguns dados levantados, e não têm caráter conclusivo.

REFERÊNCIAS

CANDAU, V.M.F. Sociedade, Cotidiano Escolar e Cultura(s): Uma aproximação. **Educação & Sociedade**. Campinas: CEDES, nº 79, 2002. p. 125-161.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para as mudanças e incertezas**. São Paulo: Cortez, 2004.

MCLAREN, P. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 2000.

MOREIRA, A.F.B. A recente produção científica sobre currículo e multiculturalismo no Brasil (1995-2000): avanços, desafios e tensões. **Revista Brasileira de Educação**. nº 18, 2001a. p. 65-81.

_____. Multiculturalismo, currículo e formação de professores. In: _____. (org). **Currículo: políticas e práticas**. Campinas: Papyrus, 2001b, p 81-96.

SILVA, T.T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.